

BIBLIOTECA SAMUEL BENCHIMOL HEMEROTECA

ARTIGO: Amazônia de perto – XII: Contexto cultural da região
DATA: 25/06/1967

DOMINGO, 25 DE JUNHO DE 1967

A AMAZÔNIA DE PERTO — XII

CONTEXTO CULTURAL DA REGIÃO

Amália Martelli

Sobre o complexo cultural da região amazônica, entre os vários autores consultados, além da observação pessoal, está o professor Samuel Benchimol, cujo tema ele aborda no seu livro *Estrutura Geo-Social e Econômica da Amazônia*, 1.º volume, publicação do Governo do Estado do Amazonas, 1966. A maneira como este estudioso amazonense expõe o assunto, levou-me a transcrever quase na íntegra suas próprias palavras.

Segundo ele, o complexo cultural amazônico compreende um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida formadores da organização social, e um sistema rudimentar de conhecimentos, práticas e usos de recursos extraídos da floresta, rios, terras e águas, responsáveis pela subsistência econômica, desenvolvidos pelo homem e integrados à sociedade amazônica ao longo de um processo histórico herdado do índio. A esses valores culturais foram se incorporando aspectos da cultura do colonizador europeu e do imigrante nordestino, definindo a atual estrutura social com base numa economia extrativa e agromercantil, voltada para os mercados externos e centro-sul do país.

Dentro desse contexto, destaca como formadores do quadro de referências culturais elementos de origem indígena-cabocla, de origem portuguesa e hispânica, de origem inglesa, norte-americana, semítica, asiática, nordestina e de integração brasileira.

plântio do arroz, o boi, na ilha de Marajó e Baixo Amazonas; e plantações de cacau nativo e de café foram iniciadas pelas Missões religiosas.

Em meados do séc. XIX, com o interesse subitamente despertado pela borracha, novas correntes culturais são atraídas para a Amazônia. Entre elas, os ingleses que assinalam sua presença com a fundação de empresas concessionárias de serviços públicos, criando condições estruturais para o desenvolvimento posterior pela formação de economias externas nos setores da navegação, portos, energia, telefonia, telegrafia, transportes, rede de água e esgoto e outras facilidades que constroem nos centros urbanos de Belém e Manaus.

Com a repentina baixa da heveacultura na região, em 1912, muitos desses empreendimentos são extintos.

Ao lado de companhias in-

apenas indivíduos isolados como acontecia com as demais correntes. Localizam-se nas pequenas cidades do interior, trabalhando em escritórios de estabelecimentos comerciais ou em atividades mercantis de aviação e regatão (comércio ambulante, em lanchas). Mais tarde, já no período áureo da borracha, esse grupo foi se promovendo economicamente, tornando-se arrendatários e proprietários de seringais ou compradores de produtos regionais nos centros urbanos.

Com o colapso da borracha, transferem-se para Belém e Manaus, onde procuram sobreviver, apesar das condições adversas. Seus descendentes aproveitam a chance para a ascensão econômica, quando a classe empresarial dominante, formada pelas firmas inglesas, alemãs e portuguesas, deixam de operar no setor de exportação regional.

Com a reativação da economia da borracha, na Amazônia, durante a II Guerra Mundial e depois, o empresário judeu volta-se para a indústria, onde, até hoje, continua a destacar-se na administração de empresas e no comércio da região. A contribuição cultural semita projeta-se ainda nas profissões liberais, no ensino secundário e superior e no cam-

estes imigrantes vencer, mesmo depois do colapso da borracha, abrindo concorrência no comércio com outros grupos ali existentes.

Da mesma forma que os descendentes judeus, os de origem síria salientam-se, hoje, no comércio, indústria, na política e nas profissões liberais.

A contribuição americana destaca-se pela experiência agrícola pioneira no plantio racional da borracha, realizada pela Ford do Brasil, em Fordlândia e Belterra, no Tapajós.

No Baixo-Amazonas, foi iniciada, em 1929, a primeira colonização japonesa. Hoje ainda se encontram nessa área 100 famílias, ao lado de 800 de nordestinos. Esse núcleo constitui um importante centro de cultivo de cereais e juta, formando, ao lado da zona de plantio de Santarém, a mais importante área agrícola local.

Outra contribuição japonesa está na aclimação e cultivo da pimenta do reino, tanto no Pará como nas proximidades de Manaus, sendo a primeira grande experiência de agricultura racional em terra firme com utilização de corretivos do

siática, nordestina e de integração brasileira.

Após o descobrimento foram os espanhóis que, vindo de Quito, percorreram o rio até o Atlântico e deram notícias do valor econômico da região. Depois vieram os ingleses e os holandeses. Os primeiros descreveram a Amazônia "como um mundo paradisíaco", e os holandeses estabeleceram as primeiras feitorias.

Mas não deixaram vestígios. Enquanto que, vindo os portugueses estes mestiçaram-se intensamente com o indígena. Cruzamento que se deu tanto pela falta da mulher que ficara na metrópole, como por razões de ordem política. Era preciso conquistar a terra. O casamento do colono com as filhas dos chefes indígenas era meio de pacificação e de firmar alianças com as tribos. Assim, ao mesmo tempo que triunfavam nessa façanha de política étnica, triunfavam, em consequência, sobre o meio físico. E o primitivo habitante da região e seus descendentes caboclos desenvolvem uma cultura intimamente ligada ao ambiente, adaptando-se às peculiaridades regionais, valendo-se das oportunidades de subsistência que a natureza lhes oferece. O rio como meio de transporte e comunicação e como fonte de pesca, a várzea como base de trabalho agrícola, a floresta como fonte de matéria-prima, caça, frutas e alimentos.

Tanto que, até hoje, os principais produtos florestais explorados na Amazônia são os mesmos que o índio conhecia e representam a mais importante contribuição para a sustentação da economia regional. Práticas agrícolas, hábitos alimentares, o extrativismo florestal, a pesca, a caça, o tipo de habitação, os meios de transporte, a toponímia regional (Taurauacá, Waupés, Manaus, Xingu, Manués etc.) são todas contribuições do elemento indígena-caboclo.

O colonizador europeu, por sua vez, trouxe valores culturais que foram se integrando à cultura original, resultando a formação da classe dominante e da liderança, a organização mercantil e de exploração de recursos, modos de vestir, língua portuguesa, tipo das construções, religião e ensino.

Do sistema colonial resultou uma economia voltada para o exterior que perdura até hoje. Houve alguma preocupação em dotar o habitante regional de meios próprios de subsistência, tanto que foi introduzido o

Além disso, os portugueses estabeleceram-se também em empresas de capitais portugueses, franceses e alemães, em sua maioria no setor de aviamentos (fornecimento de mercadorias ao seringueiro), comercialização e exportação de produtos regionais, sendo o principal a borracha. Com a queda desse produto, estas empresas desapareceram quase todas.

Antes da borracha atingir o apogeu, por volta de 1850, também ali se fixam numerosas famílias judaicas, procedentes em sua maior parte do norte da África; outras, de Portugal. Esta imigração caracteriza-se pelo fato de virem famílias e não

promissores liberais, no ensino secundário e superior e no campo político.

Samuel Benchimol relaciona 69 famílias-tronco judias, integradas na região, espalhadas pelas cidades do interior e nas Capitais, hoje naturalmente bastante multiplicadas através de seus descendentes. Cita ainda dentro do grupo semítico, a participação ativa dos sírios e libaneses que também vieram para a Amazônia no ciclo da borracha, em fins do século passado e princípios do atual. Neste grupo também vieram famílias que ali se estabeleceram em definitivo.

A persistência, a sobriedade e a ambição de vencer foram fatores que contribuíram para

com utilização de corretivos do solo e fertilizantes químicos e orgânicos.

Sua contribuição também se faz sentir na horticultura e na avicultura, produzindo legumes, hortaliças e fornecendo aves para os centros urbanos.

As colônias japonesas, compreendendo mais de mil famílias, têm prestado valiosa contribuição, também na difusão de novas técnicas agrícolas.

Acrescenta o professor Benchimol que os japoneses e seus descendentes, em três décadas, evidenciaram perfeita adaptabilidade à terra e à gente amazônica e a ela sendo incorporados pelo processo de assimilação e intercâmbio cultural.
(Continua na 26ª página)